

“EU JÁ PASSEI POR AÍ!” — REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO FIO QUE CONECTA AS TRAMAS DO ENSINO COLABORATIVO

Luiza Basílio Ricardo ^[1]
Dagmar de Mello e Silva ^[2]
Erika Souza Leme ^[3]

Orientadas pelo paradigma da educação inclusiva, apresentamos uma atividade com uma turma de 3º ano do ensino fundamental em visita ao Museu de Arte Contemporânea – MAC, como uma das intervenções da pesquisa de mestrado: “Ensino colaborativo: educação especial na perspectiva da educação inclusiva”, desenvolvida em uma escola municipal de Niterói. Apoiadas no conceito de Experiência em Larrosa (2002), defendemos que a educação escolar não pode prescindir de uma dimensão sensível, em seus processos formativos. Ressaltamos a importância de práticas ético/estéticas de (auto e alter)conhecimento para construir relações de respeito às diferenças. Nos entrelaçamos com os princípios da cartografia (Kastrup e Passos, 2013), como dispositivo político para investigar como as experiências estéticas influenciam o ensino colaborativo? Com esse olhar, nos dispomos a correr riscos (Argueles, Hughes e Schumm, 2000) junto às professoras (regente e de AEE) e nos lançamos nesta prática instituinte. Apoiada no diário de bordo, trago para o diálogo essa caminhada até o MAC, onde os sentidos e as expectativas de 20 crianças foram se tramando: “- *Eu nunca fui lá!*”, “- *Já vi mas não entrei!*”, “- *Acho que lá dentro tem arte!*”, “- *Entramos no disco voador!*”. Nesse percurso, nos deparamos com a exposição de Cândida Borges e Gabriel Vélaz, *Transeuntis Mundi*. Nos vídeos exibidos em *tablets*, admiramos transeuntes de alguns países e incentivamos a turma a compartilhar suas percepções. “- *Ah lá, tia! É o centro de Niterói?*” “- *Olha como a rua está cheia de gente!*” “- *Estão indo para a escola!*” “- *Eu já passei por aí!*”. Esse movimento de compreensão de mundo e de si mesmos, amplia a sensibilidade e os conectam, por meio da construção de partilhas comuns, de modo a se reconhecerem e se (co)moverem em suas experiências. Nos desafiamos em um fazer diferente, guiados pela experiência estética, na visita ao MAC, escolhido por ser um local que muitos educandos não conheciam. Como resultado parcial das reflexões, evidenciamos a importância dessa experiência em consonância com os princípios da educação inclusiva. Os alunos se conectaram com a arte ao seu redor, criando laços entre si e compartilhando percepções e estados atencionais abertos ao reconhecimento de pertencerem a um coletivo, cerzindo as tramas que fiam o ensino colaborativo.

Palavras-chave: Ensino Colaborativo. Cartografia. Experiência estética.

Referências Bibliográficas

- ARGUELES, M. E.; HUGHES, M. T. SCHUMM, J.S. Co-teaching: A different approach to inclusion. Principal, v.79, 2000. p. 48-51.
KASTRUP, V.; PASSOS, E.. Cartografar é traçar um plano comum. Fractal: Revista de Psicologia, v. 25, n. 2, p. 263–280, maio 2013.
LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan. 2002.

^[1] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação PPGEDU/UFF. E-mail: luizabasilio@id.uff.br.

^[2] Professora do Programa de Pós-graduação em Educação PPGEDU/UFF. E-mail: dmesilva@id.uff.br.

^[3] Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: erikaleme@id.uff.br.